



COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 8, NÚMERO 2, CRATO – CE, MARÇO DE 2024 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 14/11/2023 ACEITO EM: 29/03/2024 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

A CORRELAÇÃO DIALÉTICA QUALITATIVA ENTRE KIERKEGAARD E KARL BARTH

The qualitative dialectic correlation between Kierkegaard and Karl Barth

Michell Platinir Silva Damasceno*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0529683654296908>

Ricardo Quadros Gouvêa**

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0739272940424108>

DOI: <https://doi.org/10.58882/cllq.v8i2.164>

RESUMO: A proposta basilar desse artigo é correlacionar o conceito de dialética qualitativa em Kierkegaard numa obra específica, a Carta aos Romanos de Karl Barth. Para tal, primeiramente, iremos expor a dialética quantitativa, que tem sua história potencializada entre os séculos XVIII e XIX com a filosofia prática de Kant e a filosofia da história de Hegel. Doravante, para Kierkegaard, a dialética quantitativa da cristandade dinamarquesa, e uma forma de socratismo proveniente da hermenêutica oriunda dos velhos hegelianos. Já em Barth, todavia, a dialética qualitativa se contrapõe a Adolf Harnack herdeiro da dialética quantitativa advinda dos hegelianos de esquerda. Assim sendo, a partir do encontro com o autor dinamarquês, Barth, fundamentará na Carta aos Romanos uma filosofia da existência partindo de uma teologia dialética.

Palavras-chave: Cristandade; Dialética; Existência; Qualidade; Quantidade.

ABSTRACT: The basic proposal of this article is to correlate Kierkegaard's concept of qualitative dialectics in a specific work, Karl Barth's Letter to the Romans. To do this, firstly, we will expose quantitative dialectics, which has its history enhanced between the 18th and 19th centuries with Kant's practical philosophy and Hegel's philosophy of history. Henceforth, for Kierkegaard, the quantitative dialectic of Danish Christianity, and a form of Socratism originating from the hermeneutics originating from the old Hegelians. In Barth, however, the qualitative dialectic is contrasted with Adolf Harnack, heir of the quantitative dialectic coming from the left Hegelians. Therefore, from the meeting with the Danish author, Barth, he will base a philosophy of existence in the Letter to the Romans based on a dialectical theology.

Keywords: Christianity; Dialectic; Existence; Quality; Amount.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UNB), mestre em Filosofia na área de Ética e Política em Kierkegaard e Karl Barth na Universidade Federal do Ceará (UFC); Pós-graduado em Ensino de Filosofia pela Faculdade católica de Fortaleza (FCF); graduado em teologia pelo Centro universitário Inta de Sobral (INTA); Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF); Licenciado em Filosofia e Pedagogia pela faculdade Kurios (FAK). Pertence ao grupo de estudo de Soren Kierkegaard da Universidade de Brasília (UNB); participa do grupo de estudos dos Kierkegaardianos (UFC); pertence também ao grupo de estudo de Ludwig Feuerbach da (UFC).

** Professor de teologia no Gordon Conwell Theological Seminary (LGM Program) e leciona como professor visitante na Universidade de Waterloo. Doutor em estudos históricos e teológicos pelo Westminster Theological Seminary. Possui Pós-doutoramento pela Universidade de Waterloo. É pastor da Igreja Presbiteriana do Canadá, onde reside atualmente.

INTRODUÇÃO

Em meados do século XVIII adentrando ao século XIX o modo de pensar dos cristãos sobre Deus, sobre si mesmo, e sobre o mundo ao seu redor foi alterado de modo permanente por uma *dialética* do tipo *quantitativa*, baseada na razão e no seu desenvolvimento autônomo. Nessa autonomia, não existiria interferência do sobrenatural para julgar o que é a verdade. Ou seja, o sujeito emancipado cientificamente, julgava todas as coisas, inclusive as questões metafísicas e transcendentais, como bem exemplificou Ernest Cassirer, “quando te entregares à natureza, à humanidade, a ti mesmo, espalhará flores ao longo do caminho da sua vida” (CASSIRER, 1922, p. 190). Diante desses pressupostos, a dialética aferida pelo século XIX é objetivamente racional e fundamenta-se em fatos históricos e intelectuais do mundo moderno de duas formas: primeiro na filosofia de Kant, onde os objetos metafísicos da religião, como Deus, liberdade e imortalidade foram reduzidos à ética, ao mundo fenomênico; segundo, a *dialética quantitativa* reduziu o cristianismo a fatos históricos e doutrinários nos moldes do idealismo hegeliano.

Diante desses fatos supracitados, Kierkegaard como um autor dialético, quer superar essa *dialética quantitativa*, utilizando-se da figura de Sócrates como crítica propositiva a cristandade dinamarquesa, e a figura do Cristo, como fundamento para tornar-se cristão através do salto da fé. Para Kierkegaard, o pensamento aferido pelos teólogos dinamarqueses é tipicamente quantitativo, isto é, necessita da reminiscência histórica do cristianismo, dos fundamentos dogmáticos estabelecidos nos concílios ecumênicos e nas doutrinas promulgadas pelas tradições religiosas. Para superar essa *dialética quantitativa*, Kierkegaard se utiliza da figura do Cristo como o modelo da nova *dialética*, não mais centrada e dependente da razão histórica e especulativa, mais na *infinita diferença qualitativa* entre Deus e o homem e pela fé no *paradoxo Absoluto*. Nessa nova dialética qualitativa, o salto da fé em



virtude do *instante paradoxal* é quem fará o sujeito existente encontrar na existência a verdade paradoxal, “Cristo”, não por métodos quantitativos racionais-históricos.

Barth, como herdeiro da *dialética qualitativa* kierkegaardiana, utiliza-se desse predicado como fundamento para uma nova teologia filosófica de cunho *dialético-existencial*. A práxis dessa nova filosofia *dialético-existencial* na vida do autor suíço se dá a partir de 1911, quando pastor de uma pequena comunidade em Safenwill, onde presenciou a incapacidade do método histórico quantitativo em comunicar a mensagem cristã, fazendo-o deliberar críticas a uma ética anticristã outorgada pelos professores universitários que defenderam o advento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Doravante, quando da escrita do primeiro prefácio da *Carta aos Romanos* em (1918), Barth, intitula essa obra como “livro preparatório”, isto porque pleiteava com o *método histórico quantitativo* defendido por Adolf Harnack. Todavia, no segundo prefácio datado por volta de (1921-1922) estabelece uma mudança abrupta em relação à anterior, como bem expressou o autor da Basileia: “não sobrará pedra sobre pedra” (BARTH, 2016, p. 43). Esta última, em especial, é fundamental para a investigação daquilo que iremos propor nesse texto.

1 - A CISÃO ENTRE A DIALÉTICA QUANTITATIVA E QUALITATIVA NA PERSPECTIVA KIERKEGAARDIANA

Ao longo do século XIX, com os desdobramentos do racionalismo iluminista, o cristianismo optou por uma postura de adequação à nova ordem para justificar, racionalmente, suas crenças fundamentais. Em geral, a racionalização das categorias cristãs ocorreu por um tipo de *dialética quantitativa*¹, expressada de duas maneiras distintas na história do cristianismo. Em primeiro lugar, houve a tentativa de reduzir a religião à ética seguindo a influência da filosofia prática kantiana. Na obra *Religião nos limites da simples razão*, de 1793, o autor iluminista

1. Dialética quantitativa: A verdade é imanente ao tempo, sendo obtida por fatos objetivos da história do cristianismo, como através da especulação dos dogmas, doutrinas e tradições religiosas.



transforma os dogmas cristãos em símbolos éticos. Em segundo lugar, houve a redução do cristianismo a um historicismo nos moldes do idealismo das escolas hegelianas. De modo conciso, os dois postulados *quantitativos* denotam essas possibilidades de racionalização: a ética como dimensão fundamental do cristianismo e a história como critério final de sua veracidade. Para Kierkegaard, ambas as proposições supracitadas, são *dialéticas quantitativas* e foram aferidas pela cristandade dinamarquesa no século XIX para a compreensão da verdade do cristianismo. Sendo assim, podemos elencar que o arcabouço metodológico utilizado pela cristandade é a sistematização lógico-racional. Ou seja, para o autor dinamarquês, a *dialética quantitativa*, é hermeneuticamente hegeliana, pois elimina as verdades paradoxais e escandalosas do cristianismo: “a verdade é o contínuo processo histórico universal, onde cada geração, cada etapa desse processo é um momento na verdade” (KIERKEGAARD, 2013, p. 39).

Num primeiro momento a *dialética quantitativa* é aferida pelos teólogos dinamarqueses do século XIX por meio do *método histórico crítico e exegético* que analisa os eventos canônicos, e dá um veredito favorável ou não a esses eventos. Dito de outra forma, a verdade do cristianismo é baseada em certezas históricas e em análises exegéticas, geográficas e linguísticas do texto bíblico. Num segundo momento, no *Pós-escrito às Migalhas Filosóficas*, o autor dinamarquês expõe outra forma objetiva da cristandade captar a verdade do cristianismo, “a *especulativa*”. Climacus salienta que a especulação quer produzir um saber pleno que consiga abarcar todas as contradições do cristianismo, inclusive as eternas, como é o caso do *Paradoxo Absoluto*. Kierkegaard quer exprimir que a especulação concebe o cristianismo como “um fenômeno histórico; a pergunta sobre a sua verdade significa, portanto, penetrá-lo de pensamento em pensamento de tal modo que por fim o próprio cristianismo seja o pensamento eterno” (2013, p. 55).



Diante dos pressupostos supracitados, a *dialética quantitativa* se manifestará de dois modos distintos: primeiro na filosofia dialética de Hegel; em segundo lugar, na interpretação objetivada pelos jovens e velhos hegelianos². Segundo Karl Lowith (2014, p. 82-83), “a divisão da escola hegeliana em hegelianos de direita e de esquerda foi objetivamente possibilitada pela ambiguidade fundamental das suspensões (*Aufhebungen*), dialéticas de Hegel, que podiam ser interpretadas tanto de maneira conservadora quanto de maneira revolucionária”. Diante disso, a divisão da *dialética quantitativa* entre velhos e jovens hegelianos repousa segundo Lowith (2014, p. 83): “no caráter racional do efetivo e da efetividade do racional, unidas em um ponto metafísico, foram isoladas, uma à direita e à outra a esquerda, em primeiro lugar na questão acerca da religião e então da política”. Essa revolução metódica da filosofia *quantitativa hegeliana* se fixará de forma potencial numa teologia filosófica. Ou seja, as disputas entre os grupos de hegelianos, “dizem respeito à interpretação ateísta ou teísta da filosofia da religião: se o Absoluto teria existência efetiva no Deus tornado homem ou somente na humanidade” (LOWITH, 2014, p. 83).

Partindo desse pressuposto, Kierkegaard, tornar-se um crítico dos teólogos sistemáticos da cristandade dinamarquesa por se respaldarem na *dialética quantitativa* dos hegelianos de direita. Isto significa que para esses cristãos hegelianos, o absoluto é da história e encontra-se aprioristicamente na história dos dogmas, doutrinas e tradições religiosas. Kierkegaard, em *Migalhas filosóficas*, batizará todo saber histórico do cristianismo como socrático

Antagonicamente à *dialética quantitativa* dinamarquesa, Kierkegaard propõe uma *dialética paradoxal* em relação com a verdade do cristianismo. Essa nova dialética proposta pelo autor de Copenhague tem como arcabouço metodológico

2. Hegelianos de direita: segundo Karl Lowith, Rosenkranz e Heym e Fischer, o império reunido de Hegel foi conservado historicamente.



a *dialética qualitativa*, que é um novo *pathos* para o indivíduo que era objetivamente *socrático*. Essa nova *dialética* tem como fundamento central a subjetividade do indivíduo que pelo salto apaixonado da fé salta em virtude do paradoxo Absoluto na concretude do agora, não pelas reminiscências histórico-rationais. Isto significa que na *dialética qualitativa*, o *instante paradoxal*, (Jesus Cristo) é o exemplo *patético-existencial* pessoal em oposição à verdade racional-histórica impessoal do cristianismo da cristandade, pois para Kierkegaard, “o cristianismo é uma comunicação existencial que torna o existir paradoxal, e tão difícil como jamais poderá ser fora dele; porém não é atalho para tornar-se incomparavelmente espiritualoso” (KIERKEGAARD 2016, p. 278).

2 - A DIALÉTICA QUALITATIVA NA CARTA AOS ROMANOS DE KARL BARTH

Destarte, a *dialética qualitativa* do autor dinamarquês traspõe as barreiras da Dinamarca do século XIX, adentrando a primeira década do século XX com uma nova roupagem hermenêutica. Autores como Karl Barth e Emil Brunner, retornaram ao conceito kierkegaardiano de *infinita diferença qualitativa entre tempo e eternidade*, para construir o arcabouço teórico da *teologia dialética* ou *teologia da crise*. Antes do desenvolvimento da *teologia dialética*, o autor da Basileia havia aderido ao liberalismo teológico como salientado no prefácio à primeira edição da *Carta aos Romanos*, onde “o *método histórico crítico* da pesquisa bíblica tem sua razão: ele aponta para uma preparação do entendimento, que em nenhum lugar é supérflua” (BARTH, 2016, p. 41).

Contudo, esse método tem a função de preparar o sujeito para a compreensão do objeto que se trata na Escritura sagrada. Segundo Rosino Gibellini, “o importante é penetrar, através do elemento histórico, no espírito da bíblia” (2012, p. 20). Ou seja, o *método histórico crítico* é quantitativo, isto é, através dos fatos



históricos pode-se chegar à consciência do Ser eterno no testemunho bíblico. Diante disso, a partir do segundo prefácio, Barth formalizará uma *hermenêutica dialético-existencial* oriunda do encontro com a *dialética qualitativa do autor dinamarquês*: “se possuo um sistema, ele reside no fato de procurar observar com a maior insistência possível e em seu significado positivo e negativo aquilo que Kierkegaard denominou de *diferença qualitativa interminável entre tempo e eternidade*” (BARTH, 2016, p. 50).

A *hermenêutica histórica* defendida pelos liberais pretendia investigar a revelação de Deus (Jesus Cristo) por meios cientificamente racionais, eliminando assim, a *infinita diferença qualitativa* entre o *sim* e o *não*, *Criador e criatura*, *religião natural e revelação*, *filosofia e Escritura*. Destarte, esse método quantitativo, segundo Barth, eliminava o valor normativo da Escritura, dos milagres e da Revelação. Ou seja, o que importava era a verdade estabelecida pela hermenêutica histórico-objetiva, onde o “*Sim*” científico da razão humana se estabelece ultrapassando assim os limites impostos à cognoscibilidade do indivíduo diante do *totalmente outro*. No *método racional*, não há um encontro qualitativo com a revelação, apenas analogia, “suas elucidações não passam de um Refletir e espelhar humanos, seu produzir não passa de um reproduzir humano” (BARTH, 1996, p. 18). Em outros termos, o *método histórico-crítico* julga a partir da revelação histórica (Escritura), mas não pode arrazoar sobre a revelação (Cristo), por Ele ser paradoxal e estar acima de qualquer revelação expressa no espaço-tempo.

Um dos precursores desse movimento *dialético quantitativo* foi Adolf Harnack, que nos anos de 1899-1900, deu início a uma série de 16 palestras na universidade de Berlim, sobre a temática, *a essência do cristianismo*. Dessas palestras ofertadas em Berlim, surgirá a célebre obra, *o que é o cristianismo?* Nessa obra, Harnack dimensiona o *método histórico crítico* como a hermenêutica da superação, “a intenção é abstrair a essência da história total do cristianismo



metodologicamente” (2014 p. 18). Segundo Webster: autores como Harnack, queriam “resumir o conteúdo do evangelho, constatado pela reconstrução histórica como núcleo dinâmico da história do cristianismo”. (WEBSTER, 2023, p. 50). Ou seja, a história do cristianismo se encarregaria de responder às demandas paradoxais do próprio cristianismo, revelando assim a origem do cristianismo em sua plenitude. Isso significa que o sujeito pode captar a essência do cristianismo por meio do fenômeno histórico. Diante desses pressupostos harnackianos e seguindo a reflexão dialética do autor dinamarquês, Barth, critica o *método histórico crítico* dos liberais, por ter delimitado o *totalmente outro* à busca do Jesus histórico, a exemplo dos hegelianos de esquerda, suprimindo assim, a transcendência da revelação do centro do cristianismo. Ou seja, Barth rejeita todas as tentativas de difusão da fé cristã por meio de argumentos racional-especulativos ou de evidências históricas quantitativas.

Isto significa que o elemento essencial captado pela hermenêutica histórica, segundo Barth, é a moralidade ética, não a revelação *em si*. Para o autor da Basileia, Harnack reduziu o cristianismo ao ético, não havendo mais espaço para a loucura e o escândalo diante do *totalmente outro*, “foi nesse sentido que Jesus combinou religião e moralidade e, assim, podemos dizer que a religião é a alma da moralidade e esta, o corpo da religião (HARNACK, 2014, p. 66)”. Diante desse pressuposto, o telos do cristianismo é o ético, e o telos da ética é ser cristão. Sendo assim, Barth, declara que a fé se tornou contingente em relação ao conhecimento mediado por um arauto acadêmico. A revelação de Deus (Cristo) foi reduzida à busca dos fenômenos históricos e terrenos da vida de Jesus na Escritura, ou em outras palavras, pela “busca do Jesus histórico”. Segundo Paul Tillich, tudo que se concentra “nos relatos da vida de Jesus são verdadeiros ou falsos” (TILLICH, 1999, p. 152). Para o autor da Basileia, a revelação em si, Cristo, é qualitativamente diferente do quantitativo histórico-ético do método historicista, pois, a revelação é



um milagre dialeticamente paradoxal que elimina o papado da ciência. Essa revelação será testemunhada objetivamente na escritura, mas não explicada essencialmente em toda a sua plenitude pela própria escritura.

A teologia *dialética-existencial* barthiana quer salvaguarda à transcendência da revelação em detrimento aos limites impostos pelo historicismo. Em outros termos, os teólogos modernos por meio do método histórico quantitativo, tentam esgotar o *totalmente outro* ao âmbito fenomênico, para então assim captarem a essência da *revelação em si*, por meio do Jesus histórico. A paradoxalidade da revelação (Cristo) sempre deixará lacunas na cognoscibilidade humana, por ser o *incognoscível* para a ciência. O pressuposto teológico-hermenêutico dos liberais é o testemunho, não o (Cristo) em si. A revelação para Barth é o milagre do qual o sujeito necessita. Ou seja, o conhecimento sobre Deus pela revelação permanecerá um milagre por toda eternidade, pois o homem necessita dessa revelação enquanto houver a *infinita diferença qualitativa* entre Deus e a existência humana. Para Barth, a teologia dialética é um evento *dialético-existencial*, dinâmico, não estático, não delimitado à hermenêutica histórica quantitativa. A saída dessa encruzilhada se dá por meio da fé existencial num encontro pessoal com a revelação (Cristo) vivo na existência do existente, que se revela na pessoa, de (Jesus), num *instante paradoxal* do tempo presente, a partir da literatura (Bíblia), mas que, em si próprio não é a revelação em si, mais o oculta, tornando-se, entretanto, transparente apenas para fé que vai além de si própria, ao encontro do mistério na existência.

Para o autor suíço, o *totalmente outro* é eterno, mas também redentor. Isso significa que esse incomensurável se revela na história pelo testemunho escriturístico dos profetas e apóstolos, sem ser plenamente conhecido como *coisa em si*, isto é, a plenitude essencial do Ser é dialeticamente qualitativa do testemunho revelacional e histórico. Ou seja, o conhecimento sobre Deus é um mistério para-



doxal, mas que se revela no tempo como milagre gracioso devido à *infinita diferença qualitativa* entre *Deus e o homem*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visou demonstrar a correlação dialético-conceitual entre Kierkegaard e Karl Barth na escrita d'*A Carta aos Romanos*. Para este fim, defendeu-se que a finalidade essencial do empreendimento teórico de Kierkegaard foi criticar a instituição religiosa dinamarquesa e sua hermenêutica histórica e especulativa. Para tal, a herança dialética do autor dinamarquês pode ser vista a partir do segundo prefácio da Carta aos Romanos, onde o autor suíço formalizará uma hermenêutica dialético-existencial oriunda do encontro com a dialética paradoxal do autor dinamarquês: “se possuo um sistema, ele reside no fato de procurar observar com a maior insistência possível e em seu significado positivo e negativo aquilo que Kierkegaard denominou de diferença qualitativa interminável entre tempo e eternidade” (BARTH, 2016, p. 50). Por fim, não visamos esgotar o assunto, mais sim instigar, teólogos e filósofos a pesquisarem seriamente a relação entre o autor dinamarquês Soren Kierkegaard e o autor Suíço, Karl Barth.

REFERÊNCIAS

- BARTH, Karl. **A Carta aos Romanos** (segunda versão – 1922). Tradução de Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal, 2016.
- BARTH, Karl. **Introdução à teologia evangélica**. Tradução de Lindolfo Weingärtner. 5ª ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- CASSIRER, Ernest. **Filosofia do Iluminismo**. tradução: Álvaro Cabral. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.



GIBELLINE, Rosino. **A teologia do século XX**. tradução João Paixão Neto. – 3 ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HARNACK, Adolf Von. **O que é Cristianismo?** São Paulo, Editora Reflexão, 2014.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus**. Tradução de Ernani Reichmann e Álvaro Valls. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Pós-escrito às migalhas filosóficas**. Vol. I. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes, 2013. (Coleção Pensamento Humano).

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Pós-escrito às migalhas filosóficas**. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls e Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016. (Coleção Pensamento Humano).

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Temor e tremor**. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

LÖWITH, Karl. **De Hegel a Nietzsche: a ruptura revolucionária no pensamento do século XIX: Marx e Kierkegaard**. Tradução de Flamarion Caldeira Ramos e Luiz Fernando Barrére Martin. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

TILLICH, Paul. **Perspectiva da teologia protestante nos séculos XIX e XX**. Tradução de Jaci C. Maraschin. 2ª ed. São Paulo: ASTE, 2004.

